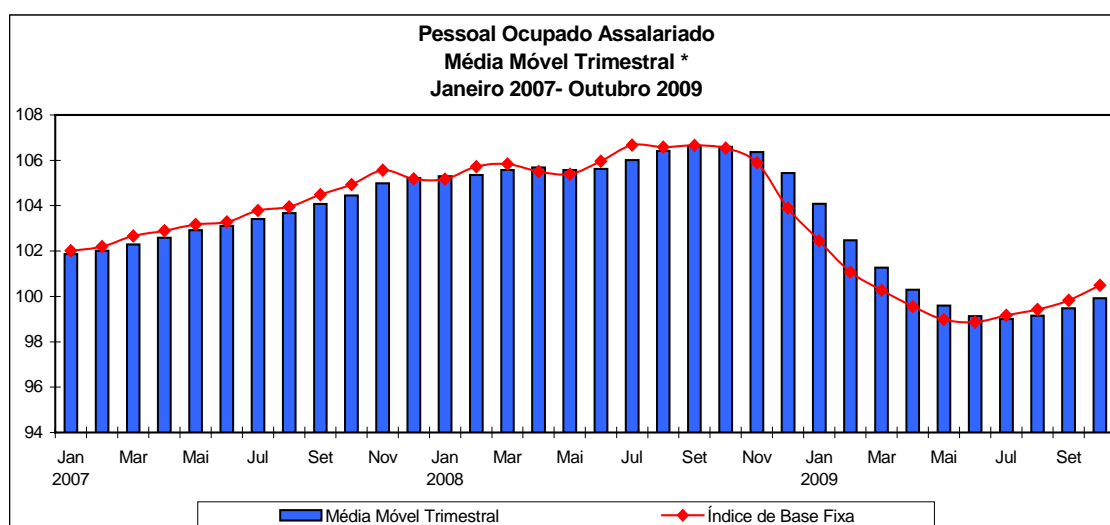


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em outubro de 2009, o emprego industrial avançou 0,7% frente ao mês anterior na série livre de influências sazonais, maior incremento desde julho de 2008, e mantém a sequência de taxas positivas há quatro meses, com ganho de 1,6% nesse período. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral, que vinha apresentando menor ritmo de queda desde fevereiro último, apontou a terceira taxa positiva consecutiva: 0,2% em agosto, 0,3% em setembro e 0,4% em outubro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Na comparação com iguais períodos de 2008, os resultados permaneceram negativos: queda de 5,7% tanto frente a outubro como no indicador acumulado no ano. A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses, ao recuar 4,8%, manteve a trajetória descendente iniciada em agosto do ano passado (3,0%).

No confronto outubro 09/outubro 08, o emprego industrial apontou redução de 5,7%, décima primeira taxa negativa consecutiva, com o contingente de trabalhadores apontando queda em treze áreas investigadas e em dezesseis setores. Entre os locais, São Paulo (-4,2%), Minas Gerais (-11,3%), região Norte e Centro-Oeste (-8,8%) e Rio Grande do Sul (-7,2%) foram as principais contribuições negativas. No primeiro local, as

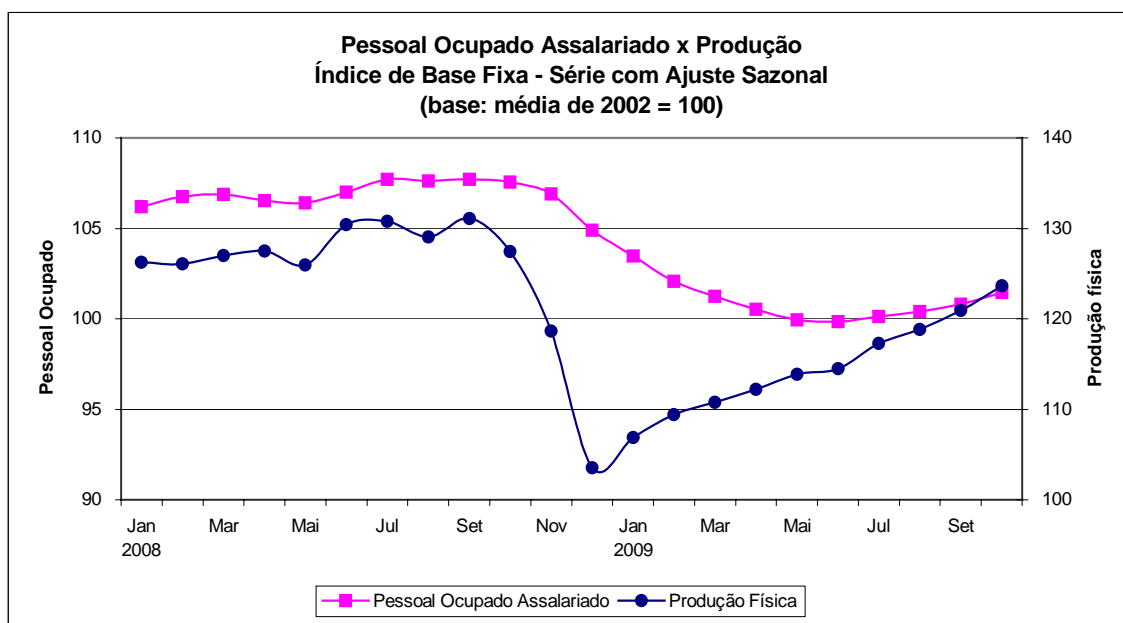
influências negativas mais significativas vieram de meios de transporte (-15,9%), máquinas e equipamentos (-9,9%) e produtos de metal (-12,1%); no segundo, os impactos de vestuário (-29,5%) e alimentos e bebidas (-7,6%) foram os mais relevantes; no terceiro, as maiores perdas foram assinaladas por madeira (-34,3%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-18,7%); e na indústria gaúcha, calçados e artigos de couro (-10,0%), máquinas e equipamentos (-11,3%) e meios de transporte (-13,4%) exerceram as principais influências negativas.

Entre os setores investigados, no total do país, ainda nesse tipo de comparação, as pressões negativas mais relevantes vieram de meios de transporte (-13,0%), máquinas e equipamentos (-10,5%), produtos de metal (-10,2%), madeira (-19,4%) e vestuário (-6,7%). Por outro lado, papel e gráfica (6,9%) e fumo (5,1%) apontaram os únicos impactos positivos no resultado geral.

No indicador acumulado no ano, o nível do pessoal ocupado na indústria foi 5,7% menor do que em igual período do ano passado, resultado apoiado nos decréscimos observados nos quatorze locais, com destaque para as perdas vindas de São Paulo (-4,2%), Minas Gerais (-8,7%), região Norte e Centro-Oeste (-9,0%) e Rio Grande do Sul (-7,5%). Ainda nesse tipo de comparação, no total do país, o emprego industrial recuou em dezessete dos dezoito setores, com meios de transporte (-9,9%), máquinas e equipamentos (-8,9%), vestuário (-8,4%) e produtos de metal (-9,4%) exercendo as principais pressões negativas na média geral, enquanto papel e gráfica (7,0%) assinalou o único resultado positivo.

Em síntese, a evolução positiva dos índices do emprego industrial e do número de horas pagas, nos últimos meses, reflete o maior dinamismo da atividade produtiva, tomando-se por base o confronto mês/mês anterior. Ainda na série ajustada, o emprego e o número de horas pagas crescem, respectivamente, 0,4% e 0,6% em outubro no índice de média móvel trimestral e mantêm trajetória ascendente desde o início do ano. Contudo, nas comparações contra iguais períodos do ano anterior, os resultados

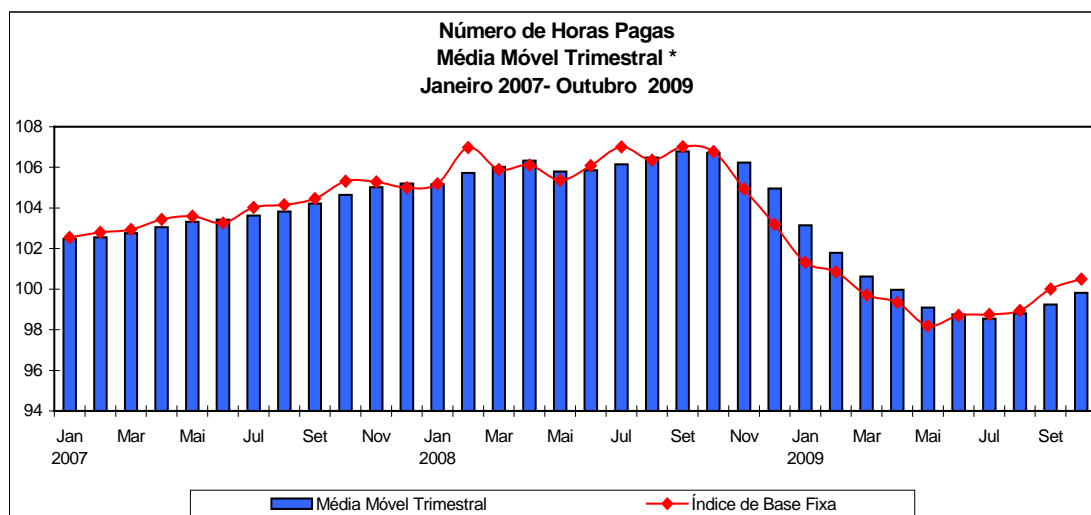
permaneceram negativos frente a outubro do ano passado e no acumulado no ano.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em outubro, o setor industrial continuou ampliando o número de horas pagas na produção no confronto com o mês anterior, na série livre de influências sazonais, com expansão de 0,5%. Este foi o quinto aumento consecutivo, o que implicou em um crescimento acumulado de 2,4% de junho para outubro. O índice de média móvel trimestral também mostrou a manutenção do movimento de melhora na jornada de trabalho da indústria brasileira, ao apresentar crescimento de 0,6% entre setembro e outubro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal

Nos demais indicadores, no entanto, os números continuam negativos: -5,7% no confronto com outubro de 2008, -6,2% no acumulado no ano e -5,4% no dos últimos doze meses.

Na comparação outubro 09/outubro 08, em nível regional, a maioria (treze) dos quatorze locais pesquisados reduziu o número de horas pagas na produção. As principais contribuições negativas no resultado global de -5,7% foram dadas pelas indústrias de São Paulo, com queda de 3,4%, de Minas Gerais (-10,3%), e da região Norte e Centro-Oeste (-9,4%). Apenas a indústria do Ceará (1,9%) ampliou o número de horas pagas na produção.

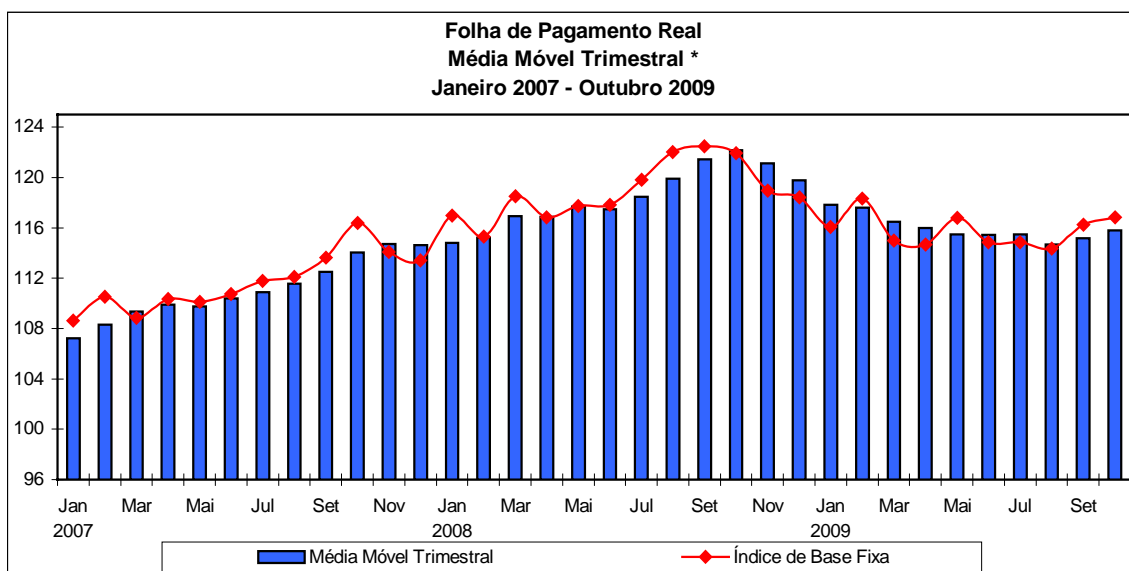
Ainda no confronto com outubro do ano passado, no total do país verificaram-se reduções também na maior parte (dezesseis) dos dezoito setores pesquisados. Com os maiores impactos negativos no resultado global de -5,7%, encontram-se: máquinas e equipamentos (-12,3%), fabricação de meios de transporte (-11,8%) e produtos de metal (-9,7%). Houve aumento na jornada de trabalho apenas nas indústrias de fumo (4,7%) e de papel e gráfica (6,8%).

O indicador acumulado em janeiro-outubro de 2009, contra igual período de 2008, também mostrou um quadro de queda generalizada que atingiu, no total do país, quinze setores, e regionalmente, todas as áreas pesquisadas. Na formação da taxa global de -6,2%, os setores que mais

influenciaram negativamente foram: meios de transporte (-11,6%), máquinas e equipamentos (-11,3%), vestuário (-8,3%) e produtos de metal (-9,5%). As indústrias de papel e gráfica (6,1%), de refino de petróleo e produção de álcool (1,6%) e de minerais não metálicos (0,1%) foram as únicas que ampliaram o número de horas pagas na produção. Regionalmente, para a queda global de -6,2% observada no total do país, as indústrias de São Paulo (-4,6%), de Minas Gerais (-8,4%) e da região Norte e Centro-Oeste (-10,3%), foram as que exerceram as principais pressões.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em outubro, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente cresceu 0,5% em relação ao mês imediatamente anterior, assinalando a segunda taxa positiva consecutiva, acumulando acréscimo de 2,2% no bimestre setembro-outubro. Com estes resultados, o indicador de média móvel trimestral avançou 0,6% entre os trimestres encerrados em setembro e outubro, após ter registrado crescimento de 0,4% em setembro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria
*série com ajuste sazonal

Nas comparações com iguais períodos do ano anterior, os resultados continuam negativos: -4,0% no indicador mensal e -2,7% no acumulado no ano. O indicador acumulado nos últimos doze meses recuou de -0,7% em setembro

para -1,4% em outubro e segue em trajetória decrescente desde setembro de 2008 (6,7%).

Em outubro, o valor da folha de pagamento real apresentou queda de 4,0% em relação a igual mês do ano anterior, com taxas negativas em doze dos quatorze locais pesquisados. A maior contribuição negativa veio de São Paulo (-3,3%), em função de meios de transporte (-9,3%), produtos de metal (-20,4%) e borracha e plástico (-10,1%). Em seguida, vale citar, Minas Gerais (-10,5%), por conta de metalurgia básica (-17,9%) e meios de transporte (-16,5%); e Rio Grande do Sul (-7,9%), em razão de máquinas e equipamentos (-16,4%) e meios de transporte (-15,6%). Por outro lado, o maior impacto positivo veio do Ceará (5,6%), devido ao aumento no valor da folha de pagamento das indústrias de calçados e artigos de couro (10,6%) e de alimentos e bebidas (8,8%).

Setorialmente, ainda no indicador mensal, o valor da folha de pagamento real decresceu em treze dos dezoito setores industriais. As maiores influências negativas vieram de meios de transporte (-7,5%), produtos de metal (-15,3%), máquinas e equipamentos (-8,1%) e metalurgia básica (-15,0%). Por outro lado, papel e gráfica (13,7%), outros produtos da indústria da transformação (5,8%) e têxtil (5,8%) foram os principais impactos positivos.

O indicador acumulado no ano recuou 2,7%, com redução no valor da folha de pagamento real em dez dos quatorze locais. As principais contribuições negativas foram observadas em São Paulo (-2,6%), Rio Grande do Sul (-7,5%) e Minas Gerais (-5,6%). Nestes locais, as maiores quedas foram verificadas, respectivamente, em meios de transporte (-6,1%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-9,0%); meios de transporte (-16,7%) e calçados e couros (-10,4%); e metalurgia básica (-14,2%) e meios de transporte (-9,2%). Em sentido oposto, Rio de Janeiro (1,1%) e Ceará (4,7%), em função, respectivamente, da expansão de 12,6% no valor da folha de pagamento da indústria extrativa, e de 8,7% em vestuário foram os maiores impactos positivos.

Em termos setoriais, doze atividades reduziram o valor da folha de pagamento real. Meios de transporte (-6,1%), máquinas e equipamentos (-6,0%), metalurgia básica (-11,4%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-7,0%) exibiram as principais pressões negativas. Por outro lado, as principais influências positivas vieram de papel e gráfica (13,3%) e indústria extrativa (10,6%).